



# **REPENSANDO A ECONOMIA AFRICANA**

Maurício Waldman

Excerto de Relatório de Pós Doutorado USP 2012-2013

## REPENSANDO A ECONOMIA AFRICANA

Maurício Waldman

Em memória a  
Antônio Lúcio Nogueira (1945-2015).

A atual projeção econômica da África na economia mundial solicita compreensão mais apurada de especificidades que sendo matriciais para a dinâmica da sua economia, não tem como deixar de serem pautadas nos debates sobre o continente.

Ademais, em meio às comemorações do **Dia da África**, é importante identificar sustentações materiais que permitiram ao continente resistir a uma coleção de turbulências sociais, políticas e econômicas.

Neste contexto, uma premissa básica é o potencial configurado na economia informal do continente, que reporta a inflexões do mundo tradicional. Postadas no comando de redes guiadas por uma lógica diferente das que regem os modelos ocidentais, foram estes os circuitos econômicos que permitiram à África encontrar força e esperança para alcançar dias melhores.

Não fosse a retaguarda materializada na economia informal, seria difícil compreender como e a despeito de tantas vicissitudes, que a África tenha conseguido se empossar de um novo papel na economia global. Disto decorre que a avaliação da presença da informalidade no plano econômico não pode ser omitida. Neste seguimento, se impõe uma rodada de notas pontuais relacionadas com o mundo da economia continental e as formas singulares que esta assume no cotidiano africano.

Atente-se preliminarmente que a nomenclatura *informal* já alimentou acesos debates no campo das ciências sociais. Ainda que a terminologia “economia informal” tenha se consolidado na bibliografia dedicada ao tema (desde 1972 o conceito é endossado pela Organização Internacional do Trabalho), um manifesto estigma de negatividade, desdobramento da contraposição com a esfera da economia formal, parece impregnar a reputação do conceito.

Contudo, será visto que a economia informal pode respaldar noções calcadas na positividade. Mais ainda, uma interlocução objetiva com a economia formal. Nesta ordem de considerações, reconheça-se que na economia africana, a relevância da informalidade sugere uma exposição tanto do papel desempenhado na economia continental quanto, em paralelo, reparos críticos sobre a percepção construída pela literatura técnica de índole macro-econômica.

Neste âmbito, as metodologias usuais de análise nem sempre são as mais eficazes para discernir os motes que mobilizam os atores que interagem na esfera econômica africana. Deve-se reter que a África contemporânea primou pelo crescimento exponencial do setor informal. Isso a ponto de se tornar dominante em muitos segmentos da própria economia urbana.

É o que registram pesquisas amalhadas em diferentes países. A partir dos anos 1980-1990 do século passado, relatórios oficiais sobre a força de trabalho no meio urbano indicam que entre 60 a 70% da população ativa insere-se em ocupações informais. Mais: em nações como Benin, Serra Leoa, Zâmbia e Tanzânia, os números podem ultrapassar a marca dos 90%.

Assim, dos pequenos ofícios exercidos nos mercados populares numa ponta, aos imprescindíveis insumos e bens destinados para a economia formal na outra, a vitalidade da economia “opaca” salta aos olhos mesmo do observador leigo. Basta para tanto apreciar a paisagem urbana dos países da África ao Sul do Saara, pródiga em imagens cinemáticas do vigor da “economia paralela”.

A saber: são mulheres com seus tabuleiros vendendo de tudo; prestadores de serviço que se instalam em qualquer recanto das ruas; pequenos estabelecimentos que vendem de miudezas a máquinas industriais; vendedores ambulantes segurando alguma mercadoria nas mãos. Uma verdadeira babel com fundo sonoro no alarido dos comerciantes, da clientela e ruído dos veículos sem placa.

Uma representação emblemática destas imagens seria o famoso Roque Santeiro, a grande feira informal de Luanda, na República de Angola. Durante 19 anos, esta zona mercantil consagrou-se como um dos maiores mercados livres do Planeta. Operando com preços bem mais competitivos que os praticados pelos mercados oficiais, nas horas de maior afluência podiam ser contabilizados entre 100 mil a um milhão de frequentadores. Dizia-se que no Roque Santeiro poderia ser comprado de tudo. Daí a voz do povo apregoar que “se não existe no Roque é porque ainda não foi inventado”.

No que também não admite contestação, uma influente gama de benefícios advém da operosidade do setor. Vital para o dinamismo do mercado africano, a informalidade está na gênese da oferta dos produtos e do estabelecimento dos preços.

Neste sentido, a patentear as relações variadas e complexas que articulam o setor formal e informal entre si, relatos técnicos datados de meados dos anos 1980 assinalam, por exemplo, que em Luanda os preços dos mesmos bens no mercado legal e não legal, respeitavam uma proporção constante, comparável às taxas de câmbio oficial e na troca livre de divisas estrangeiras.

Note-se que o peso da economia informal se verifica com igual intensidade nos marcos materiais das economias nacionais. Veja-se o caso da Nigéria, pólo ativo por excelência na África Ocidental.

Pois bem: neste país, a chamada “economia subterrânea” oferecia no fragor do novo milênio, emprego para 83% do pessoal ocupado na atividade manufatureira. Por sua vez, o quinhão da informalidade correspondia a 69,1% da oferta de alimentos, tabaco e bebidas; 11,2% da produção têxtil; 8,8% dos produtos de madeira. Mais: neste país, um número credível afiança que 38% do PIB nacional estão consorciados à economia informal.

Diante do exposto, caberia ponderar que a economia informal africana, mesmo não constituindo uma resposta a problemas de fundo, constitui dado essencial à compreensão da resiliência do continente. Apenas esta razão seria suficiente para impedir que a informalidade fosse desprezada nas avaliações dos especialistas.

Com base nesta evidência, torna-se plausível a elaboração de políticas públicas e diretrizes a subsidiar o setor informal, assegurando disponibilidade de crédito, aplicação de programas de capacitação, adaptação tecnológica, estímulos aos pequenos negócios e expansão de cooperativas.

Nesta mesma linha de abordagem, retenha-se que os parâmetros econômicos clássicos encontram dificuldade para aferir a magnitude dos fluxos econômicos que transitam pela África. Subsidiadas por modelos teóricos de interpretação estranhos à realidade local (no geral assumidos como verdade única), noções como *renda per capita* calculadas em moeda forte como o dólar, euro e o franco, demonstram inadequação e operacionalidade parcial enquanto indicadores sociais e econômicos.

De modo cabal, apresentam limitações para situar e conferir a posição econômica de populações imersas em redes calcadas em relações tradicionais, pouco tocadas pelas inflexões da monetarização e de relações exclusivamente mercantis. Refletindo contextos dissociados do mercado formal, a monetização da economia informal pode simplesmente oferecer um retrato deformado da realidade.

Tal pontuação se repete quando o foco é a produção de alimentos. Via-de-regra as estatísticas são refratárias às formas de labor agro-pecuário cuja territorialidade pouco ou nada tem a ver com seus congêneres ocidentais.

Caso alegórico, Adis-Abeba, capital etíope, seria, por exemplo, detentora do maior rebanho urbano do mundo. Por sua vez, em Moçambique a instituição em meio ao casario urbano das *machambas* (hortas domiciliares ou quintas de produção agrícola familiar) e a difusão de árvores frutíferas em terrenos desocupados asseguram reforço alimentar ignorado pelos prontuários econômicos oficiais. Outra nota diferenciada do continente são as provisões de proteína obtidas pela pesca, que em cidades como Dakar, Lagos, Acra e Cotonou abastecem numerosa clientela dispensando o marco regulador do mercado convencional.

Complementando, temos cultivares da agricultura tradicional invisíveis ao olhar acadêmico estrangeiro. Muitos tipos de frutas, legumes e cereais sequer estão indexados às planilhas dos pesquisadores, embaçadas que estão num conhecimento geoeconômico eurocentrado. O pior é saber que polos de diversidade biológica e centros tradicionais de dispersão de espécies domesticadas permanecem ao longo do continente, anônimos às pesquisas e ao saber sistematizado ocidental.

Repetidamente as análises da economia africana tem se apegado com determinação impagável à omissão e desqualificação da informalidade, desprezando sua importância e o leque de benefícios que promove.

Portanto, seria conveniente repetir: compreender a economia africana requer observá-la na sua especificidade, pontuar fatores fortemente positivos de criatividade e empreendedorismo, que acatam lógicas não lineares e inventivas práticas de sobrevivência, pilares de uma organização econômica que os indicadores macro-econômicos teimam em desconsiderar.

Conforme já registramos, faria sentido insistir o quanto os discursos institucionalizados se mantêm cegos na análise de realidades que no exercício da sua personalidade, borram objeções de fundo economicista e tecnocrático.

Tem uma palavra aqui a determinada capacidade das populações reinventarem a economia e suas possibilidades. É o que justifica a força dos arranjos tecidos pela economia informal, esteio de vida para milhões de africanos que de outra forma, estariam despossuídos de cidadania econômica.

Como se sabe, nas duas últimas décadas a África demonstrou predisposição em zerar estigmatizantes prognósticos afro-pessimistas, cuja nota predominante tem sido a obsessão apaixonada em frisar mazelas, distúrbios e previsões apocalípticas, adereçadas com um cardápio regurgitante de epidemias, conflitos, guerras e estagnação.

Todavia, a disposição dos povos africanos é trilhar caminho oposto, impregnado de promessas e esperanças. É assim que o dia-a-dia colocou seguidamente em cheque as visões que desacreditavam a África. Atualmente, sabe-se que o continente crescerá a uma taxa média anual de 7% nos próximos vinte anos, escalada predestinada a superar a China, país prócer do crescimento acelerado.

No decênio 2001-2010 Angola manteve-se no topo do *ranking* econômico global: 11,1% anuais em média, índice superior ao da China. Em 2011, terça parte do continente cresceu 6%. Moçambique, Gana, Nigéria, Ruanda e Etiópia cresceram 7%. No mundo, entre 2011 e 2015, sete países africanos figurarão na lista dos dez com maior destaque econômico.

Paralelamente, existem pistas que permitem entender que o novo alento que atíça a economia continental não é privilégio de seletos grupos de nações como a África do Sul, Angola e Gana. No que constitui exemplo das potencialidades africanas, cinco países com notável expansão econômica - Ruanda, Serra Leoa, Etiópia, Moçambique e Mali - foram atormentados em passado recente por graves conflagrações políticas internas.

Tais índices e predicados constituem desdobramento direto da estabilidade política que hoje vigora majoritariamente no continente. Ao mesmo tempo, a implementação de reformas favoreceu a decolagem econômica, respaldando uma corrente de otimismo que na atualidade, percorre todo o continente.

No mais, seria indispensável arrematar o quanto a expansão da economia continental - ainda que não isenta de contradições - conta o respaldo de uma entidade, a economia informal, que embora pouco valorizada e frequentemente esquecida, é ao mesmo tempo poderosa escora do empreendedorismo, pressuposto quase sempre marginalizado pelas escolas econômicas do Hemisfério Norte.

Que se interponha então um salutar convite à reflexão, fundamentado no reconhecimento da personalidade econômica africana, da sua tipicidade e potencialidade, esteios da crescente projeção do continente e dos seus povos.

*De uma economia que teima em crescer de acordo com suas próprias regras.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Ilídio do. *Importância do Sector Informal da Economia Urbana em Países da África Subsariana*. In revista Finisterra - Revista Portuguesa de Geografia, XI, nº. 79, pp. 53-72. Lisboa (Portugal): Fundação para a Ciência e a Tecnologia - FCT. 2005;

BALANDIER, Georges. *África Ambigua*. Buenos Aires: Sur. 1964;

BERTOL Frederico. *Reis leões: As economias que mais crescem no mundo estão na África*. Correio Internacional 2012. 02/02/2011;

JAMES, W. Martin. *Historical Dictionary of Angola*. 2ª edição. Lanham, Maryland (EUA): Scarecrow Press. 2011;

ONWE, Onyemaechi Joseph. *Role of the Informal Sector in Development of the Nigerian Economy: Output and Employment Approach*. In Journal of Economics and Development Studies, 1 (1), June 2013, pp. 60-74. Nova York (EUA): American Research Institute for Policy Development. 2013;

MBENGE, Youssoupha. *Panafricanisme et Fondements Théoriques de la Dynamique Intégrationniste Africaine*. Panafricanism & African Renaissance - 21<sup>th</sup> African Union Summit, 19-27 May, 2013, pp. 25-27. In Au Echo: *The Africa We Want*, Special Issue for the 50<sup>th</sup> Anniversary of the OAU-AU, 1963-2013. Adis Abeba (Etiópia): União Africana. 2013;

MUNANGA, Kabengele. *Cultura, Identidade e Estado Nacional no Contexto dos Países Africanos*. In *A Dimensão Atlântica da África* (Coletânea da IIª Reunião Internacional de História da África), pp. 297-300. São Paulo: CEA-USP/SDG-Marinha/CAPES. 1997;

VERGER, Pierre et BASTIDE, Roger. *Contribuição ao Estudo dos Mercados Nagôs do Baixo Benin*. In *Artigos*, Tomo I, Pierre Verger (org.), Série Baianada, nº. 9. São Paulo (SP): Editora Corrupio. 1992;

WALDMAN, Maurício. *O Papel de Angola na África Centro-Meridional: Recursos Hídricos, Cooperação Regional e Dinâmicas Socioambientais*. Relatório de pesquisa de Pós Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP) & Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). 2014;

\_\_\_\_\_. Maurício. *Blocos Regionais Africanos: Compilação Estatística Essencial, Ano-base 2010*. Levantamento técnico divulgado preliminarmente junto ao XVIII Curso de Difusão Cultural do Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP) e posteriormente endossado pela Câmara de Comércio Afro-Brasileira (AFRO-CHAMBER). Abril de 2013;

\_\_\_\_\_. *Novos Rumos da Economia Africana*. Revista Brasil Angola Magazine, nº. 5, Junho-Julho de 2012, pp. 22-23. São Paulo (SP). Texto disponível *on line*:  
< [http://www.mw.pro.br/mw/novos\\_rumos\\_economia\\_africana.pdf](http://www.mw.pro.br/mw/novos_rumos_economia_africana.pdf) >. Acesso em: 27-10-2014. 2012a;

\_\_\_\_\_. *África Presente, África em Movimento*. Revista Brasil Angola Magazine, nº. 5, Junho-Julho de 2012, pp. 11-12. São Paulo (SP). Texto disponível *on line*:  
< [http://www.mw.pro.br/mw/mw\\_Rio20\\_africa\\_presente.pdf](http://www.mw.pro.br/mw/mw_Rio20_africa_presente.pdf) >. Acesso em: 11-03-2014. 2012d;



**Nota essencial a este artigo:** Nesta foto de 2014, estou com meu amigo Antônio Lúcio e sua filha, a última imagem que compartilhamos juntos. Jornalista de mão cheia e homem de enorme idealismo, sob a

batuta de Lúcio publiquei diversos artigos na revista *Brasil-Angola Magazine*. Seu último projeto foi a *Revista Brasil & África em Foco*, iniciativa conjunta com o Instituto Portal Afro. O artigo ora veiculado tratou-se originariamente de colaboração minha para esta revista, a qual não foi impressa em razão dos óbices de saúde que tiraram Antônio Lúcio do convívio com seus colegas e entes queridos. Aos que o conheceram fica a obrigação de continuar sua luta em prol da justiça e da igualdade. *Antônio Lúcio vive!*

**MAURÍCIO WALDMAN** é Professor universitário, Antropólogo e Jornalista (MTb 79.183). Pós Doutor em Relações Internacionais (USP, 2013) e em Geociências (UNICAMP, 2011), Waldman desenvolve atualmente 3º Pós Doutorado em Meio Ambiente na UNOESTE. Atuou durante dez anos como professor do Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP) e é autor de inúmeros *papers* e ensaios com foco na África Negra. Sua obra **Memória D'África: A temática africana em sala de aula** (Cortez, 2007), é referência para o conhecimento africanista. **Portal Acadêmico:** [www.mw.pro.br](http://www.mw.pro.br) **E-mail:** [mw@mw.pro.br](mailto:mw@mw.pro.br) .



Os debates sobre **ÁFRICA & AFRICANIDADES** são um pilar central de atuação da EDITORA KOTEV, publicadora digital que entrou em atividade em 2016.

Saiba mais sobre esta vertente editorial da EDITORA KOTEV. Conheça outros títulos de MAURÍCIO WALDMAN no campo de **ÁFRICA E AFRICANIDADES** publicados em 2016 pela KOTEV:

[http://kotev.com.br/?product\\_cat=africa](http://kotev.com.br/?product_cat=africa)

Qualquer dúvida nos contate. Estamos à disposição para atendê-lo:

[atendimento@kotev.com.br](mailto:atendimento@kotev.com.br)